

VÍNCULOS E RECONHECIMENTO NA VIDA DOS JOVENS PARTICIPANTES DO PROTEJO E SEUS REFLEXOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

TIES AND RECOGNITION IN THE LIFE OF THE YOUNG PARTICIPANTS OF THE PROTEJO AND THEIR CONSEQUENCES IN THE IMPLEMENTATION OF PUBLIC POLICY

TATIANA SAMPAIO DE SOUZA¹

Recebido em: 31/07/2012

Aprovado em: 02/01/2013

RESUMO

O presente artigo aborda a projeção de vínculos e esferas de reconhecimento na vida dos jovens participantes do Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), ação integrante do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) e que tem como objetivo prestar apoio aos jovens em território vulnerável, através de atividades pedagógicas. Como procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas semiestruturadas. A principal conclusão deste estudo é que a formação de vínculos e esferas de reconhecimento na vida dos jovens ao longo de sua socialização influencia diretamente em seu cotidiano e relacionamento dentro e fora do projeto. O PROTEJO mostra-se positivo na vida dos jovens por fortalecer a formação de tais vínculos e esferas, porém apresenta falhas no sentido de não preparar os jovens para o período em que o projeto tiver chegado ao seu término.

Palavras-chave: Juventude; Sociedade; Políticas públicas; Reconhecimento; Vínculos.

1 Introdução

A fase da adolescência e juventude é marcada por intensas transformações físicas e sociais, que acabam moldando os indivíduos para a vida adulta. Essas transformações vão se realizando a partir da socialização dos indivíduos, tanto primária quanto secundária. Na

ABSTRACT

This article discusses the projection of bonds and spheres of recognition in the lives of young people participating in the Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), integral action of the Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) which aims to provide support young people in vulnerable territory, through educational activities. Methodological procedures were carried out semi-structured interviews. The main conclusion of this study is that the formation of bonds and spheres of recognition in the lives of young people throughout their socialization influences directly into your daily life and relationships within and outside the project. The PROTEJO shows up positive in the lives of young people by strengthening the formation of such bonds and spheres, but fails in the sense of not preparing young people for the period in which the project has come to an end.

Keywords: Youth; Society; Public policy; Recognition; Ties.

socialização primária, o indivíduo aprende e interioriza as regras básicas da sociedade através do grupo a que pertence, constituído, geralmente, pela família; na socialização secundária, o sujeito, já socializado, passa a integrar novas instituições e campos na sociedade, onde constrói relações de amizade, profissionais, estudantis, entre outras, que contribuem

¹ Advogada. Bacharel em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: sampaiodesouza.adv@hotmail.com.

para o aperfeiçoamento de sua socialização. Sobre os processos de socialização, Berger e Berger (1977, p. 241) explicam que estes se realizam por meio de uma interação face a face com outras pessoas, envolvendo sempre modificações no microcosmo do indivíduo.

Assim, em qualquer fase de seu desenvolvimento, os sujeitos criam vínculos uns com os outros e projetam, em suas ações, desdobramentos de esferas de reconhecimento estabelecidas ao longo de sua vida. A juventude, todavia, possui a singularidade de ser uma fase de acentuado processo de desenvolvimento, de modo que os desdobramentos das relações nesse período se dão com muito mais intensidade do que em qualquer outro da vida do ser humano.

No caso de jovens que se encontram em situação de risco social, elementos externos contribuem em grande escala para acentuar as transformações características dessa fase. Em grande medida, os programas de políticas públicas têm se preocupado com esses fatores externos, tais como dificuldades econômico-financeiras, tráfico e uso de drogas, criminalidade e violência. Além desses fatores, existem, porém, outros de cunho subjetivo, que dizem respeito ao relacionamento que os jovens estabelecem com colegas e com profissionais que formam a equipe técnica. Devido à contribuição que esses aspectos subjetivos têm para a aceitação dos projetos pelos jovens, bem como para o alcance ou não do êxito das políticas públicas implementadas, torna-se interessante investigar os reflexos dos vínculos e do reconhecimento na socialização dos jovens atendidos em seu cotidiano. O presente artigo deu-se a partir de pesquisa de campo, realizada para a elaboração de dissertação de mestrado. A pesquisa em questão ocorreu no período de abril de 2011 a março de 2012, como parte do Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), implantado no território de paz do bairro Santo Afonso, localizado na cidade de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul.

O público-alvo do PROTEJO é constituído por jovens em situação de risco social, na faixa etária de 15 a 24 anos, e seu objetivo principal é a promoção da proteção dos jovens através de ações pedagógicas. Esse projeto faz parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – (PRO-NASCI), um programa de articulação entre políticas sociais e políticas de segurança que, segundo o Ministério da Justiça (2008), prioriza a prevenção da violência e da criminalidade, incluindo ações de ordenamento social e segurança pública, e tem como público-alvo a mesma população atendida pelo PROTEJO, além de profissionais da segurança pública, presos, egressos do sistema prisional e reservistas.

O objetivo principal deste artigo é analisar a projeção de vínculos e esferas de reconhecimento na vida dos jovens participantes do PROTEJO. Para tanto, o texto está estruturado em cinco subitens: introdução; referencial teórico utilizado; metodologia empregada; apresentação e discussão dos resultados; e considerações finais.

Salienta-se ainda que não é pretensão deste estudo esgotar o tema em questão e que os resultados ora apresentados são parciais, já que sua finalidade principal consiste na ampliação do espaço de problematização e discussão sobre as ações de políticas públicas voltadas a jovens em situação de risco social, como é o caso do PROTEJO.

2 Referencial teórico

A investigação da trajetória de vida dos jovens atendidos por programas de políticas públicas, como o Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), pode ser um ótimo instrumento para revelar causas e motivos de evasão. Além das causas “visíveis” e já conhecidas por todos, tais como dificuldades socioeconômicas, violência intra e extrafamiliar e, principalmente, tráfico de drogas, cons-

tantemente presentes na vida de grande parte dos adolescentes e responsáveis, na maior parte das vezes, pelo próprio ingresso destes na criminalidade, existem outros fatores que nem sempre recebem a devida atenção dos programas destinados aos jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, que estão ligados a aspectos psicossociais, como revolta, depressão, baixa autoestima e carência.

Axel Honneth, em sua teoria do reconhecimento, afirma que existem padrões de reconhecimento subjetivos que influenciam diretamente na vida das pessoas. As três esferas de reconhecimento com as quais o autor trabalha são o Amor, o Direito e a Solidariedade. No Amor, os princípios de reconhecimento seriam as necessidades e os sentimentos; no Direito, a igualdade legal; e na Solidariedade, as contribuições formais. Já a autorrelação prática desses padrões de reconhecimento seria, no caso do Amor, a autoconfiança; no do Direito, o autorrespeito; e no da Solidariedade, a autoestima. Quando quaisquer desses padrões de reconhecimento encontram-se violados, acarretando formas de desrespeito, surgem consequências como maus tratos e violação, para o Amor; privação de direitos e exclusão, para o Direito; e degradações e ofensas, para a Solidariedade (HONNETH, 2003). Nesta pesquisa, investigou-se a projeção dessas formas de reconhecimento na vida dos jovens atendidos pelo PROTEJO, na cidade de Novo Hamburgo, e a presença ou não de desrespeito a esses padrões, considerando-se os períodos anteriores a seu ingresso no PROTEJO e o período de execução do mesmo.

Quanto ao desenvolvimento da esfera do Amor, Honneth recorre ao trabalho de Winnicott, “um pediatra com postura psicanalítica que procura obter, no quadro do tratamento de distúrbios comportamentais psíquicos, esclarecimentos acerca das condições ‘suficientemente boas’ da socialização de crianças pequenas” (HONNETH, 2003, p.

164). A grande questão que ocupou os estudos de Winnicott durante quase toda sua vida foi esclarecer como se constituiria o processo de interação através do qual mãe e filho podem se separar do estado de indiferenciação “ser-um”, aprendendo a se aceitar e amar, como pessoas independentes (HONNETH, 2003, p. 165). E na busca pela resposta a essa questão, Winnicott analisa o universo de desenvolvimento da criança até a fase adulta, explorando as relações de amizade e amor vividas pelo ser humano durante sua existência.

Honneth, por sua vez, apoiado na filosofia do direito de Hegel e levando em conta os estudos de socialização de Winnicott, bem como as contribuições de Jessica Benjamin acerca das deformações patológicas da relação amorosa, elabora um conceito de amor específico à teoria do reconhecimento. O autor explica que o Amor precede toda forma de reconhecimento recíproco:

[...] visto que esta relação de reconhecimento prepara o caminho para uma espécie de auto relação em que os sujeitos alcançam mutuamente uma confiança elementar em si mesmos, ela precede, tanto lógica como geneticamente, toda outra forma de reconhecimento recíproco: aquela camada fundamental de uma segurança emotiva não apenas na experiência, mas também na manifestação das próprias carências e sentimentos, propiciada pela experiência intersubjetiva do amor, constitui o pressuposto psíquico do desenvolvimento de todas as outras atitudes de auto respeito (HONNETH, 2003, p. 177).

Portanto, a esfera de reconhecimento do Amor está diretamente relacionada ao desenvolvimento da autoconfiança dos sujeitos e, por isso, uma atenção a essa esfera de reconhecimento é tão importante por parte dos programas sociais destinados ao atendimento dos jovens em situação de risco social ou em conflito com a lei.

Igualmente importantes são as demais esferas de reconhecimento consideradas por Honneth, pois o autorrespeito, no caso do Direito, e a autoestima, no caso da Solidariedade, são fundamentais para o desenvolvimento do jovem e influenciam diretamente nos sentimentos de acolhimento e pertencimento ao grupo dentro dos programas de apoio.

Enquanto Honneth trabalha com as formas de reconhecimento, Zimerman, psicanalista brasileiro com interesse por distintas áreas de conhecimento, dentre elas as ciências sociais, estuda a formação dos vínculos na personalidade dos indivíduos. Segundo Zimerman, “a noção de ‘vínculo’ é de fundamental importância no desenvolvimento da personalidade da criança, sendo que essa afirmativa está baseada na inquestionável sentença de que ‘o ser humano constitui-se sempre a partir de um outro’” (ZIMERMAN, 2010, p. 21).

Considerando vários enfoques teóricos, o autor fundamenta seu trabalho na teoria de Wilfred Bion, psicanalista britânico, que estuda a tensão entre emoção e não emoção, focando a formação dos vínculos do amor, do ódio e do conhecimento. Sobre o porquê da escolha de Bion, no que se refere ao enfoque teórico, Zimerman explica que:

Durante muitas décadas, todos os psicanalistas basearam os seus esquemas referenciais virtualmente em torno de dois vínculos, o do *Amor* (principalmente com base nos ensinamentos de Freud), e o do *Ódio* (fortemente apoiado nas concepções kleinianas), sendo que coube a Bion, sabidamente um analista com profundas raízes na escola de M. Klein e com um sólido embasamento freudiano, propor uma terceira natureza de vínculo: o do *Conhecimento*, o qual está diretamente ligado à aceitação, ou não, das verdades penosas, tanto as externas como também as internas, e que dizem respeito mais diretamente aos problemas da autoestima dos indivíduos (ZIMERMAN, 2010, p. 29).

Aos vínculos do amor, do ódio e do conhecimento, formatados por Bion, Zimerman acrescenta um quarto vínculo, o do reconhecimento, cuja principal acepção “alude à ânsia que todo o ser humano possui de ser reconhecido pelos demais, como sendo uma pessoa querida, aceita, desejada e admirada pelos seus pares e circunstantes” (ZIMERMAN, 2010, p. 31).

Considerando esses sentimentos sempre presentes na vida de todo e qualquer ser humano, escolheu-se utilizar nesta pesquisa, como principal referencial, a teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a teoria dos quatro vínculos de David Zimerman, para alicerçar a investigação e análise dos dados obtidos.

A investigação das formas de reconhecimento e formação dos vínculos presentes na vida desses jovens, que se ampliam dentro de programas como o PROTEJO, é fundamental para a boa execução de projetos que visam dar apoio aos mesmos, uma vez que promover a inserção social desses jovens só é possível através de um trabalho que busque despertar neles um sentimento de pertencimento e bem-estar dentro dos programas em que são atendidos.

3 Método de pesquisa

Os resultados apresentados neste artigo advêm de um estudo qualitativo realizado com jovens participantes do Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), no município de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Foram entrevistados 10 adolescentes, dois técnicos e a coordenadora pedagógica do PROTEJO. No entanto, como alguns dos adolescentes entrevistados eram menores de idade, não foi possível utilizar todas as entrevistas, uma vez que os pais de quatro deles não puderam e/ou quiseram assinar os termos de consentimento. Dos entrevistados, cujas falas foram consideradas, dois são do sexo masculino e quatro são

do sexo feminino, com idades de 15 a 24 anos. A fim de preservar o anonimato dos jovens, os mesmos não foram identificados em seus relatos, utilizando-se, assim, de códigos para referir suas falas.

A intenção desta pesquisa era buscar uma aproximação da realidade e das percepções dos adolescentes participantes do PROTEJO e, por isso, o método ideal seria analisar a história de vida, pois conforme explica Becker, nesse método, o sociólogo:

Dá sequência ao trabalho a partir de sua própria perspectiva, a qual enfatiza o valor da “história própria” da pessoa. Esta perspectiva difere daquela de alguns outros cientistas sociais por atribuir uma importância maior às interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência como explicação para o comportamento. Para entender porque alguém tem o comportamento que tem, é preciso compreender como lhe parecia tal comportamento, com o que pensava que tinha que confrontar, que alternativas via se abrirem para si [...] (BECKER, 1994, p. 103).

No entanto, em razão do exíguo tempo para a realização da pesquisa, esse método não pôde ser empregado em sua totalidade, pois, para a realização satisfatória do mesmo, seria necessário dispor de um tempo maior. Por isso, optou-se por utilizar a técnica de entrevistas não diretivas, que consistem em “uma forma de colher informações baseadas no discurso livre do entrevistado” (CHIZOTTI, 1998, p. 92). Conforme explica o autor, essa técnica:

[...] pressupõe que o informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análise suas, prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos o significado que têm no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade quanto a historicidade dos atos, concepções e ideias (CHIZOTTI, 1998, p. 92-93).

Para as entrevistas, foi empregado um roteiro semiestruturado. No entanto, a forma de abordagem variou de acordo com as peculiaridades de cada entrevistado.

No decorrer da pesquisa, foi utilizado o método da análise de conteúdo, que, segundo Chizzotti (1998, p. 98), consiste no “tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica a análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento”.

Apesar do fato de que a pesquisa com jovens em situação de risco social tende a ser uma tarefa complexa, uma vez que envolve diversos fatores advindos de um mundo com o qual nem sempre se tem familiaridade, principalmente quando se está interessado nas percepções e nos sentimentos desses jovens, a pesquisa com os mesmos se apresenta como possível e gratificante, pois, conforme explica Becker, eles “podem cooperar de tal forma que a ‘verdadeira história’, que eles sentem que podem confiar em você para contar, possa chegar ao público através de seu relatório de pesquisa” (BECKER, 1994, p. 155).

O que se buscou com a realização desta pesquisa foi a máxima aproximação da realidade dos jovens, procurando revelar, além dos aspectos de vulnerabilidade que comumente são trazidos a baila nas investigações com esse público, aspectos subjetivos, em termos de vínculos e reconhecimento, que nem sempre são revelados nas pesquisas.

4 Apresentação e discussão dos resultados

A pesquisa demonstrou que a permanência dos jovens e a redução da evasão em programas como o Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO) está diretamente relacionada ao vínculo e ao reconhecimento que os jovens estabelecem com

os profissionais que compõem as equipes técnicas e com os seus colegas.

Como as entrevistas foram feitas, em sua maioria, nos meses de julho e agosto de 2011, período em que o PROTEJO estava em pleno desenvolvimento, foi possível perguntar aos jovens sobre sua percepção acerca do projeto naquele momento. Dentre as respostas, a maioria foi positiva, tendo sido algumas bem sucintas e outras mais longas, acompanhadas de uma série de motivos pelos quais os jovens gostavam de participar do PROTEJO.

A partir dos relatos dos jovens, verificou-se que estes se sentem, ao participarem do projeto, como sujeitos possuidores de direitos e deveres. É comum ouvir nas falas dos jovens menções sobre direitos que estão aprendendo a ter, como é o caso de uma jovem que relatou que, antes do projeto, não sabia que era possível expressar a sua opinião. Dessa verificação apreende-se um reconhecimento jurídico, no sentido empregado por Honneth (2003), por parte dos jovens dentro do projeto, e que está diretamente ligado ao sentimento de autorrespeito, afinal:

[...] um sujeito é capaz de se considerar, na experiência do reconhecimento jurídico, como uma pessoa que partilha com todos os outros membros de sua coletividade as propriedades que capacitam para a participação numa formação discursiva da vontade; e a possibilidade de se referir positivamente a si mesmo esse modo é o que podemos chamar de “auto-respeito” (HONNETH, 2003, p. 2003).

Um dos jovens afirmou que a melhor coisa do PROTEJO são suas atividades:

O que você está achando do PROTEJO?

Ah, eu acho legal porque nós aprendemos muita coisa aqui, porque tirar foto eu nunca sabia como que era tirar foto e agora eu estou sabendo.

Igual... mas tem muita gente que não gosta né, porque daí ah, diz que tirar foto é só pra distrair porque não vai aprender nada, eu não acho, eu acho que ensinando cada vez mais coisa se aprende (J5).

Outros referiram que estão gostando porque, além de aprenderem novas atividades, estão fazendo novos amigos:

O que você está achando do PROTEJO?

Tá bem bom. Tá legal.

Por quê?

Porque tô aprendendo muitas coisas aqui também. Conhecendo “muitos mais” amigos (J4).

Outra jovem afirmou que gosta de participar do PROTEJO, porque é uma forma de se ocupar, sair de casa, se distrair e ficar longe das coisas que acontecem na vila onde mora.

O que você está achando do PROTEJO?

Eu gosto do PROTEJO.

Por quê?

Por causa que a gente faz um monte de coisa aqui. Eu prefiro vim... ahm... como na quarta-feira não tem PROTEJO né, então agente fica em casa assim. Onde a gente mora é um banguinho. É uma vila que acontece várias coisas, sabe? Num dia tu fica lá, tu vê um monte de coisa. E no PROTEJO não... ahm... a gente se diverte, brinca, conversa com as pessoas. Na quarta-feira não tem, a gente fica em casa pensando assim, “porque não tem a semana toda”.

Você queria que tivesse a semana toda?

Que tivesse a semana toda. Que não tivesse... que não tivesse... que tivesse até na quarta feira, sabe.

Você gosta de vir pra cá?

Eu gosto de vim no PROTEJO (J3).

Nas quartas-feiras ocorriam as reuniões pedagógicas entre os membros da equipe técnica do projeto e seus coordenadores, e, por isso, neste dia

não eram realizadas atividades com os jovens na sede do PROTEJO. Porém, a mesma vontade da jovem acima citada, de que houvesse atividades todos os dias no PROTEJO, foi manifestada por outros jovens, que afirmaram sentir muita falta do projeto quando não há atividades. Alguns dos jovens, inclusive, pediram que suas entrevistas fossem feitas nas quartas-feiras, dia em que não havia atividade no PROTEJO, para que não perdessem aula e também para que pudessem sair de casa e ir para a sede do projeto nesse dia.

Os jovens relataram que onde moram ocorrem muitos atos de violência e que não há muitas alternativas de lazer, sendo às vezes necessário ficarem escondidos em casa para não se envolverem em conflitos. Expuseram ainda que já presenciaram cenas de morte e agressão nas festas que frequentam. É necessário considerar que o ódio, comumente evidenciado nas brigas de gangues, e outras expressões agressivas entre jovens podem advir do sofrimento desses sujeitos, expostos a diversas formas de violência.

Outro fator bastante presente é o tráfico de drogas. Porém, apesar de muitos saberem dos acontecimentos envolvendo essa questão, os adolescentes evitaram falar no assunto.

Procurou-se apurar como os jovens entrevistados, que não tinham passagem pelo sistema de justiça, lidavam com a presença da violência em suas vidas e qual o impacto que esta lhes causara, sendo que, quanto a este aspecto, ficaram evidenciados sentimentos de medo e tristeza.

Durante sua participação no PROTEJO, a família inteira de um jovem foi chacinada, sendo que este se manteve vivo simplesmente pelo fato de estar nas aulas dentro das dependências do projeto durante o ocorrido.

Alguns jovens participantes do PROTEJO tiveram que se afastar do projeto ou do bairro, por sofrerem ameaças, por estarem jurados de morte,

por terem presenciado algum fato, por estarem envolvidos com traficantes etc. Ainda que isso não conste dos relatórios oficiais, essa foi a realidade apurada a partir das observações realizadas e do relato de alguns jovens, que procuravam formas de se afastar de tal realidade.

Justamente, por isso, o PROTEJO tornou-se para os jovens um local neutro, onde os mesmos podiam participar das atividades e conversar com os educadores e colegas sem se exporem à violência.

Quase a totalidade dos jovens salientou que gosta do projeto tanto pelas atividades desenvolvidas quanto pelo apoio que recebe dos profissionais. Foi perguntado aos jovens sobre quais eram as atividades que realizavam, apesar de já se saber a resposta. A intenção dessa pergunta foi apurar, segundo a visão dos jovens, o modo como essas atividades eram desenvolvidas e como eles se identificavam com cada uma delas.

Alguns jovens falaram de várias atividades, fazendo questão de dizer o porquê gostavam de cada uma:

O que vocês fazem no PROTEJO?

A gente escreve, a gente aprende... a gente tem jogos na rua, educação física que eles falam né, a gente tem agora, abriu o negócio da informática, que foi bom, que a gente teve umas aulas práticas primeiro né, pra saber o que é isso, o que é aquilo, “mouse” e essas coisas, tão explicando ainda o básico pra gente, e tem a... como é que diz, não é um debate... aquelas aulas que eles fazem reunião pra cada um falar o que acha, o que não acha, o que podia melhorar, entendeu? Reunião assim tem bastante... Que aqui o curso não é só eles que falam, entendeu? Aqui a gente pode falar... Ah, os outros cursos eles não dão oportunidade pros jovens falar, só eles que vão lá e emite regras, as regras quem boto as regras no curso foi nós entendeu? Falou, eles falaram, óh, vocês que vão decidir as regras, não foi “ah, nós decidimos isso”, eles perguntaram pra nós, entendeu? Nos outros cursos não tem isso aí (J2).

O discurso da jovem demonstra o quanto eles se sentem valorizados dentro do projeto em razão de sua relação com os educadores e demais profissionais da equipe técnica. O fato de o PROTEJO não ter imposto regras aos jovens, mas discutido-as conjuntamente, fez com que estes se sentissem protagonistas do projeto, pois auxiliavam na construção de suas próprias atividades, o que lhes proporcionou a noção de contribuição com o grupo, incidindo na esfera de reconhecimento que Honneth classifica como “solidariedade”, a qual se desenvolve através de contribuições formais, fortalecendo a autoestima dos indivíduos. O autor explica que a autorrelação prática a que uma experiência de reconhecimento faz os indivíduos chegarem é um sentimento de orgulho por ser “membro de um grupo social que está em condição de realizações comuns, cujo valor para a sociedade é reconhecido por todos os seus demais membros” (HONNETH, 2003, p. 209), sentimento este que é visível na fala dos jovens sobre suas realizações dentro do projeto. Dentre as atividades citadas pelos jovens como sendo as que eles mais gostam de fazer, estão educação física e informática. Muitos jovens nunca haviam tido contato com um computador até participarem do PROTEJO, fator apontado por eles como modificador de suas expectativas em relação ao seu futuro.

Os jovens começaram a frequentar o projeto em abril de 2011, no entanto, somente na época em que foram feitas estas entrevistas (julho e agosto de 2011) é que a sala de informática ficou pronta e as aulas puderam começar. Sempre que falavam do computador, os jovens ficavam empolgados, como se pode verificar na fala transcrita a seguir: “ai, o computador, eu gosto de mexer, eu quero aprender, quero navegar (risos) (J1)”.

Já para falarem sobre as atividades de que menos gostavam, houve maior resistência, mas, conforme a entrevista ia se desenvolvendo, revelavam que as atividades de que menos gos-

tavam eram aquelas denominadas por eles de “reunião” (aulas de história e cidadania), pois não gostavam de ficar “sentados escutando”.

Qual atividade que você menos gosta?

A que eu menos gosto? Às vezes esse negócio de reunião, muita reunião, entendeu? E daí tem que falar todo mundo, tipo uma palestra, entendeu? Eu não gosto muito de ficar sentada, eu gosto de tá toda hora me agitando e movimentando, entendeu? (J2).

Quando perguntado a essa mesma jovem se ela gostava de falar nessas reuniões, esta respondeu que no início do projeto não gostava, pois tinha “medo”, porém, com o decorrer do tempo, ela foi aos poucos perdendo esse medo, fato atribuído por ela aos profissionais do projeto que a apoiaram.

Adoro falar, não tenho medo. Eu tinha muito medo de falar antes de vim pra cá, os outros cursos eu era muito fechada; se eu tinha uma dúvida, eu ficava pra mim; se eu queria uma ajuda, eu ficava pra mim nos outros cursos, e aqui não, aqui eu tenho... Eu tava passando por um problema aí há pouco tempo, agora eu cheguei e falei com a [...] né, me abri, vim sete horas da manhã aqui, quase oito horas, daí falei com a [...] entendeu... Aqui é um, eu considero todos como se fosse uma família pra mim entendeu, coisas que a gente passa do cotidiano em casa, como briga de família. Daí eu vim e falei com ela né, daí eles me ajudam bastante (J2).

Os jovens referiam-se às atividades do PROTEJO como “aulas”, aos educadores, como “professores”, e ao projeto em si, alguns chamavam de “curso”. No entanto, notou-se, a partir da fala dos jovens, que no PROTEJO eles sentiam certa liberdade não encontrada na escola. Para explorar melhor tal relação entre as atividades do PROJETO e as da escola, foi perguntado a eles sobre as aproximações e diferenciações percebidas.

As respostas confirmaram esta maior liberdade encontrada no PROTEJO, que fazia com que os jovens se sentissem mais seguros para participar das atividades, conversando com professores e colegas sobre seus entendimentos e posicionamentos, como pode ser visto na seguinte fala: “[...] na escola é muito mais ‘fechado’. Não podemos falar muitas coisas. Aqui nós somos ‘abertos’ pra falar qualquer coisa” (J4). Essa mesma percepção foi reproduzida no discurso dos demais jovens.

As atividades do PROTEJO para você se parecem com as da escola? Sim? Não? Por quê? Em que se diferenciam?

Não, porque aqui eles ensinam mais coisas que no colégio, porque lá na escola eles só passam e fazem nós fazer, aqui não. Aqui eles passam, ensinam daí se tiver alguma pergunta eles falam pra nós, daí aqui é muito melhor que lá no colégio, porque lá no colégio eles só passam, só ficam passando no quadro pra nós copiar. Aqui não, eles ensinam coisa (J5).

Outra jovem referiu que no PROTEJO os professores são mais pacientes e que, mesmo em caso de atrito, eles procuram resolver através de conversas, o que, segundo eles, na escola é bem mais incomum.

Além das atividades e do contato com os educadores, o fato de haver no PROTEJO profissionais como assistente social e psicólogo, sendo estas pessoas acessíveis aos jovens, foi ressaltado como ponto positivo na fala dos mesmos, pois, por intermédio desses profissionais, eles são encaminhados à rede de assistência social existente no bairro. Chama atenção ainda a ampla referência feita pelos entrevistados ao amparo que recebem dos profissionais, bem como a repercussão disso em suas vidas.

Exemplo disso é a fala de uma das jovens em que há referência ao apoio que recebeu da psicóloga quando

passou por um momento complicado devido a problemas emocionais. Outra jovem referiu que a assistente social do projeto ajudou bastante a si e a um familiar seu que também participava do projeto. Uma das entrevistadas revela que a assistente social lhe ajudou muito com um problema pessoal, referindo-se a ela como “uma mãe”.

Esse amparo fornecido por parte dos educadores e demais membros da equipe técnica do PROTEJO, bem como o sentimento de vínculo e reconhecimento estabelecido pelos jovens dentro do projeto, é de fundamental para sua permanência no mesmo. Além disso, a confiança dos jovens nos profissionais e o sentimento de empatia destes em relação àqueles é fundamental para fortalecer a capacidade de resiliência nos jovens, que se torna mais forte quando se tem em quem confiar. A capacidade de resiliência é também um desdobramento do vínculo do amor e, conforme explica Zimerman (2010, p. 78),

[...] costuma surgir em pessoas que sofrem ou sofreram um doloroso impacto, tanto de natureza física, quanto de tragédia familiar, ou de graves problemas emocionais e/ou, afetivos, porém, impulsionados pelo apego à vida, portanto, ao vínculo do amor, não capitulam no desejo de viver e tampouco emergem numa depressão, às vezes, eterna. Pelo contrário, o sujeito retira forças vitais dos traumáticos infortúnios que aparecem alheios à sua vontade.

Nota-se, ainda, no discurso de muitos jovens um envolvimento com o projeto. Apesar de a duração do projeto ser de um ano, muitos jovens na época de realização das entrevistas ainda não aceitavam que este pudesse vir a acabar, demonstrando um apego muito grande aos educadores e demais profissionais da equipe técnica. Se, por um lado, tal apego foi essencial para garantir sua permanência no projeto e reduzir a evasão, por outro, criou certa dependência em relação ao projeto.

Essa negativa por parte dos jovens de que o projeto realmente viesse a terminar após o período de um ano tem a ver com o vínculo do conhecimento, no que diz respeito à dificuldade dos sujeitos em admitirem verdades e circunstâncias desagradáveis ou penosas. A verdade ou o seu oposto - as falsificações, mentiras, distorções etc. - exerce uma influência capital em toda e qualquer espécie de vínculo (ZIMERNAN, 2010). Não foi apenas quanto ao término do projeto que esta dificuldade em admitir circunstâncias penosas apareceu na fala dos jovens, mas também em vários outros aspectos, como relacionamentos trabalho, estudo, violência etc.

Quanto ao PROTEJO, o prazo exíguo de um ano, sem o encaminhamento dos jovens a outros programas ou o fortalecimento de sua autonomia, gera nos participantes um sentimento de frustração. Por isso, cabe aos educadores e profissionais, desde logo, dar suporte aos jovens no sentido de prepara-los para lidar com a realidade de que não estarão vinculados eternamente ao projeto.

Quanto aos sonhos e projeções para o futuro, as respostas foram bem diversificadas. Um dos jovens afirmou que queria ser médico: “no futuro, eu quero terminar o projeto, e tentar fazer um curso de informática e depois pra ser médico, é a única coisa, eu quero fazer um curso pra ser médico” (J5). Outra integrante do projeto referiu que já está fazendo planos e que pretende abrir uma escola de dança; outra relatou que possui diversos sonhos e projetos, como, por exemplo, comprar uma motocicleta.

Observa-se que o PROTEJO é para os jovens um lugar em que se sentem seguros, tanto física quanto emocionalmente. Percebe-se, através das falas, o desenvolvimento de vínculos e esferas de reconhecimento dentro do projeto por parte dos jovens com seus colegas e, principalmente, com os educadores e demais profissionais. Ao mesmo tempo, justamente por terem encontrado nos educadores um apoio muitas

vezes ausente em suas vidas fora do projeto os jovens demonstram certa dependência e expectativa em relação ao trabalho daqueles, como se fossem permanecer ao seu lado por um longo período de tempo, sem terem muito claro o que fazer após o término do projeto.

5 Considerações finais

Ainda são poucos os programas sociais existentes tendo em vista a quantidade de jovens que necessita de atendimento. Ações e políticas de segurança pública, para serem seguidas por jovens, precisam, primeiramente, serem respeitadas por eles e, para isso, faz-se necessário um reconhecimento recíproco.

Aos poucos, novas alternativas de inserção social vão surgindo, buscando a participação da sociedade como um todo na promoção dessa nova realidade. Nesse contexto, surgiu o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI). Como qualquer política pública, os projetos do PRONASCI dependem obrigatoriamente de quem os comanda e dos profissionais responsáveis pelo atendimento direto aos jovens, sendo que o vínculo estabelecido entre estes é de grande importância para a manutenção do público-alvo nos projetos.

O Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável (PROTEJO), implantado em Novo Hamburgo e integrante do PRONASCI, mostrou-se positivo na vida dos jovens, uma vez que todos os entrevistados revelaram em seus relatos reflexos de vínculos e desdobramentos das esferas de reconhecimento em suas vidas dentro e fora do PROTEJO.

Os jovens veem esse projeto como uma forma de se “ocupar”, sair de casa e se divertir com os amigos sem se envolverem em conflitos, os quais foram quase que inexistentes, devido à interferência dos educadores e demais profissionais. Muitos jovens viram nos educadores pessoas em quem confiar, desenvolvendo, assim, vínculos de

amor, ódio, conhecimento e reconhecimento. Além disso, os desdobramentos das três esferas de reconhecimento presentes na teoria de Axel Honneth também se tornaram visíveis no que tange ao amor, ao direito e à solidariedade.

O grande problema, porém, é que muitos jovens se tornaram dependentes do PROTEJO e não acreditavam que o mesmo pudesse ser encerrado no prazo de um ano, o que se traduziu em uma série de frustrações para os jovens quando perceberam que isso realmente aconteceria.

O mérito do projeto investigado enquanto ação de política pública é atuar também como forma de prevenção, uma vez que seu público-alvo são jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, acostumados a conviver com a violência em seu bairro, na rua, na escola e, muitas vezes, em suas próprias casas.

Apesar de seus entraves, o PROTEJO mostrou-se como um projeto positivo na vida dos jovens, contribuindo para ampliar neles o desenvolvimento de vínculos e seu reconhecimento. Isso demonstra a importância do preparo e da capacitação dos educadores e demais profissionais que compõem a equipe técnica de projetos como este.

É interessante salientar ainda a necessidade de que os jovens se sintam reconhecidos e acolhidos no ambiente em que são desenvolvidas as políticas públicas, a fim de que possam se identificar como possuidores de direitos e deveres e como administradores da própria vida. Para que isso ocorra, elementos como autoconfiança, autorrespeito e autoestima são fundamentais, pois permitem o resgate das formas de reconhecimento e dos vínculos humanos essenciais, e que devem ser aprofundados e investigados nos programas que visam afastar os jovens da situação de risco social.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Miriam Abramovay et alii. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABREU, Waldir de. **A corrupção penal infanto-juvenil**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

BRASIL. Ministério da Justiça. Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania. **Manual de Convênios**. Brasília, 2008.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1994.

BERGER, Peter L; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Org.) **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. 1977. pp. 200-214.

BORDIN, Isabel A.S.; OFFORD, David R. Transtorno de conduta e comportamento anti-social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Vol. 22 s.2 São Paulo. Dec. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600004. Acesso em: 20 ago. 2008

CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. Alguns aspectos do menor de rua e seu contexto. In: GAUER, Gabriel José Chittó; GAUER, Ruth Maria Chittó (ORG.). **A fememologia da violência**. Curitiba: Juruá, 1999. pp. 65-91.

_____. **Identidade, indivíduo e grupos sociais**. Curitiba: Juruá, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

FONSECA, Claudia. Criança, família e desigualdade social no Brasil. In: RIZ-

ZINI, Irene. **A criança no Brasil hoje: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula, 1993. pp. 113-132.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SAPIENZA, Graziela; PEDRÔMINICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Revista Psicologia em estudo**. Maringá, v. 10, n. 2, pp. 209-216. 2005.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: **Violência faz mal à saúde**. Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. pp. 23 a 28.

TRINDADE, Jorge; SILVA, Milena Leite. Crianças e adolescentes vítimas de violência: envolvimento legal e fatores psicológicos estressores. In: **Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul – Nº 54**, outubro/2004 a abril/2005. Porto Alegre: Livraria do Advogado. pp. 243 a 264

ZIMERMAN, David. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.